

## Um Olhar Sobre o Palácio do Marquês da Fronteira

[Desdobrável]

Por Marieta Dá Mesquita



O Palácio Fronteira situado em S. Domingos de Benfica, foi mandado edificar pelo 1º Marquês de Fronteira e 2º Conde da Torre, D. João Mascarenhas (1632/1681), figura emblemática da Restauração. Constitui-se relativamente às Quintas de Recreio seiscentistas portuguesas, como um objecto exemplar, pelas heranças maneiristas eruditas de base tratadística presentes na sua organização formal, pelo exuberante e complexo programa dos jardins sustentado em modelos barrocos franceses e italianizantes e pelo tratamento plástico e ornamental dos interiores. Projectado provavelmente entre 1666 e 1672 sofreu até à contemporaneidade várias intervenções, - particularmente a ocorrida na 2ª metade do século XVIII -, que no entanto não alteraram significativamente a traça original. O edifício reflecte formalmente uma adesão à gramática da arquitectura doméstica nobre, pelo papel polarizador do pátio de honra, pelo recurso a três torreões que enquadram as fachadas Norte e Nascente, bem como ao "uso" de um fosso que percorria a fachada de aparato e lhe dava não só um aparente sentido defensivo, como permitia estabelecer cenograficamente a ligação entre o edifício e o Jardim Grande.

O Pátio de Honra, de estrutura quadrangular, anuncia o edifício, que se organiza em dois pisos, a partir de um corpo central enquadrado por corpos laterais torreados ligeiramente avançados. O corpo central apresenta no piso inferior um pórtico, que dá acesso a um átrio, ao qual se sobrepõe no superior uma *loggia*. Ambos são definidos por três arcos de volta perfeita, constituindo, com quatro vãos colaterais, três serlianas perfeitas, assentes em colunas dóricas no piso inferior e jónicas no superior. Os torreões laterais ladeados por cunhais rusticados no piso inferior e pilastras jónicas no superior, apresentam duas janelas, de sacada no piso nobre e de peito no piso térreo, com molduras rectilíneas sem decoração. A fachada Nascente repete sensivelmente o mesmo sistema impositivo, em que a ausência de uma marcação do eixo de simetria e a não ênfase do local preciso da entrada, a harmonia e regularidade do ritmo dos vãos, a pureza da linguagem, a repetição das formas, indiciam ainda modelos classicistas do Renascimento. A fachada Sul é composta por um corpo central, flanqueado por um torreão e pelo arranque do hipotético quarto torreão. Este corpo repete embora de um modo mais simplificado a lógica formal da fachada oposta, não utilizando já as serlianas, mas simulando, particularmente no piso térreo, através do ritmo alternado janela-nicho, a composição erudita daquele elemento arquitectónico.

O corpo localizado a Noroeste correspondente à intervenção do terceiro quartel de setecentos constitui-se numa forma compacta e horizontal, de grande simplicidade no tratamento e ritmos dos vãos, à excepção do prospecto virado a Norte, que numa tentativa de responder à sua função representativa, marca uma varanda nobre apoiada em expressivas mísulas e grandes janelas coroadas de elegantes frontões encurvados.

Junto à fachada posterior do Palácio, localiza-se a Galeria das Artes, que se constitui como um terraço reservado onde se assiste à articulação dinâmica entre painéis azulejares e esculturas, e onde no topo se desenvolve uma capela de desenho basilical que ostenta citações arquitectónicas classicistas, e um programa iconográfico plural em que se articulam o azulejo, os embrechados e as majólicas no exterior e os estuques ornamentais no interior.

A distribuição interior do Palácio organiza-se a partir da dupla escadaria de aparato, que conduz directamente ao andar nobre, onde se assiste a um elaborado programa plástico, em que as ordens figurativas dominantes são a azulejaria e o estuque ornamental, que associando-se, ordenam e qualificam os espaços recorrendo a opções estéticas que revelam os vários tempos de intervenção do edifício, dos azulejos seiscentistas, aos estuques rocaille ou à pintura mural impregnada de heranças românticas.

Como centro polarizador dos espaços representativas e no centro do vestíbulo surge a Sala das Batalhas.

Não é possível separar o programa do edifício do dos jardins, porque o território envolvente de implantação se assume como cenário de aparato do "espaço habitado", contendo na sua conceptualização e ulterior concretização uma excelência projectual que revela a hierarquização plástica, estética e funcional do objecto artístico pretendido pelo mecenas, articulada com a da equipa pluridisciplinar interveniente no projecto.

O Jardim Grande, na sequência axial da fachada Nascente, revela uma monumentalidade que não só é manifesta na escala e geometria do traçado, tratamento iconográfico dos muros, implantação das fontes e jogos de água, utilização permanente de escultura, mas também no recurso sistemático a citações de carácter erudito de base italianizante. São ainda eruditos os modelos aplicados no traçado do Jardim Formal, no desenho da massa topiária, os elementos arquitectónicos que o pontuam - passeios, balaustradas, e particularmente o lago situado a Sul, completado por um exuberante muro de suporte, profusamente decorado - a Galeria dos Reis.

Na sequência do Jardim Formal, mas localizado a uma cota superior, está o Jardim de Vénus - onde a Casa da Água ou Casa do Fresco, surge como o elemento polarizador de todo o conjunto. O Palácio Fronteira tem assim na arquitectura residencial erudita portuguesa uma posição de destaque que lhe é conferida pela longevidade, mas também por corporizar ao longo do seu percurso opções formais, estéticas e ornamentais que o transformam numa obra singular.

Sintra, 13 de Junho de 1999